



# O Cordel da Estrada da Lua: uma etnografia

*Ricardo Simões\**

## **Resumo**

Este artigo busca relatar algumas atividades e vivências do grupo “Cordel da Estrada da Lua”, que existe na cidade de Cunha, interior de São Paulo. Este grupo se desenvolve com experiências musicais e poéticas de grande espontaneidade e misticismo. O autor deste artigo funde os papéis do trabalho etnográfico, na qualidade de participante, com o processo criativo.

## **Palavras-chave**

Música e ritual – etnografia participativa – folclore – construção de instrumentos musicais – cerâmica.

## **Abstract**

This article aims to report some activities and experiences of “Cordel da Estrada da Lua”, group that exists in the city of Cunha, São Paulo countryside. This group develops musical and poetic experiences of great spontaneity and mysticism. The author of this article merges the roles of participatory fieldwork with creative process.

## **Keywords**

Music and ritual – participatory ethnography – folklore – construction of musical instruments – ceramics.

---

\*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: rsimoes2011@gmail.com.

Artigo recebido em 19 de fevereiro de 2015 e aprovado em 2 de junho de 2015.



Cunha é o segundo maior município de São Paulo, a cidade com 25 mil habitantes tem 15 habitantes por km quadrado; têm em sua área urbana por volta de 10 mil habitantes; todo o restante está distribuído pelos sertões que farão divisas com Cruzeiro, Angra dos Reis, Silveiras, Guaratinguetá. Antes da chegada dos portugueses, a área era habitada por índios Guaianazes que abriram trilhas que ligavam o Vale do Paraíba até Parati. Com a descoberta das minas de ouro e prata em Diamantina, nas Minas Gerais, Cunha passa a ser a rota para o escoamento da produção para Portugal, via Parati, conhecido como o Caminho do Ouro. Em meados do séc. XVIII, a rota altera-se drasticamente por Juiz de Fora, devido à ocorrência de assaltos à valiosa carga na trilha de Cunha. A nova rota cruza terras cariocas em direção ao mar via Itaipava e Secretário. Assim, a cidade de Cunha ficará isolada no alto da Serra do Quebra Cangalha. Seus habitantes se desenvolvem na área rural a partir da produção agropecuária, imersos nas crenças e rituais medievais católicos portugueses, como a festa do Divino. Sua música é pontuada pela viola caipira de dez cordas – a viola Braguesa – de som ressonante e encantador; sua música é a da cantilena melancólica que falará da fé no Divino, em Nossa Senhora e São José. Aos poucos, outros instrumentos surgirão e a primeira Banda de Música da cidade aparecerá por volta da década de 1940. A família Amato trará algum conhecimento musical e vai desenvolver repertório e arranjos para os hinos e cantos das festas do Divino e de Nossa Senhora Aparecida. Hoje a banda é conduzida pelo Maestro Victor Amato.

A Festa do Divino, como é mais conhecida, começou a ser realizada, como manifestação de religiosidade popular, na Alemanha, durante a Idade Média. Foi trazida para Portugal no final do século XV pela rainha Isabel de Castela. No século seguinte (1522) já era realizada naquele país para angariar fundos que seriam empregados na manutenção de hospitais e outras obras de assistência domiciliar. Nessa mesma época a festa já existia tanto em Portugal quanto nos Açores, a festa tinha características semelhantes às encontradas atualmente em muitas regiões do Brasil Não se sabe ao certo quando a devoção popular da Festa do Divino tomou força no País. A primeira referência sobre a existência de comemoração do Divino no Vale do Paraíba foi em Guaratinguetá, em 1761.

A Festa do Divino em Cunha ainda guarda a forma como era realizada nos primórdios da formação da cidade. Ainda que a Festa de São Luiz do Paraitinga seja mais conhecida. A Festa do Divino em Cunha se dá na sexta feira de Pentecostes. A Festa representa a descida do Espírito Santo para os apóstolos e para Nossa Senhora. Em Portugal foi instituída pela rainha que prometera ao Espírito Santo que faria doação de comida para os mais necessitados caso seu desejo de reaproximação entre seu filho e seu marido se desse. Hoje, há distribuição de um prato típico caipira que em Cunha se chama “afogadão”. Fazendeiros e pequenos produtores doam animais que serão sacrificados para que se faça a comida que é distribuída ao povo. A festa dura



aproximadamente dez dias, há a clarinada e o toque de alvorada que desperta a cidade e procissões realizadas pela banda de música, em seguida a Congada (Foto 1) se apresentará por todo o dia na praça principal, Moçambique e o casal Maria Angu (Foto 2), João Paulino e o Boi, desfilam pela cidade ao som de uma banda.



Foto 1. Congada.



Foto 2. Maria Angú e o Boi com “seu” Benedito.



Foto 3. Local de encontro e ensaio.

### O CORDEL DA ESTRADA DA LUA

Cordel da Estrada da Lua é o nome dado a um movimento que se reúne para fazer música. A música criada por este grupo é basicamente improvisada e espontânea, havendo ainda a participação de poesia lida ou inventada como um repente. Esta denominação nos remete aos caminhos que levam aos locais de encontro com o Som. A Lua Cheia (Foto 4) nestes dias é tão clara que cria um ambiente de grande beleza visual e apelo místico. O contorno da mata, a iluminação nas nuvens, o brilho nas águas cria o ambiente desejado para a poesia espontânea.



Foto 4. Lua Cheia



Foto 5. Vaso de cerâmica.



Foto 6. Alberto Cidraes.

Esse grupo existe na cidade de Cunha, interior de São Paulo. O fazer música acontece com o encontro desses artistas – no princípio eram apenas ceramistas brasileiros e japoneses – que chegaram à região no início da década de 1970; o Cordel existe constante e formalmente há cerca de seis anos. Os encontros ocorrem em datas de contexto místico, em dias de lua cheia, e este aspecto místico e livre são suas principais características. A música flui de várias formas e há momentos em que reúne um quarteto de cordas acrescido de flauta transversa. Os instrumentos de percussão, tais como vasos (Foto 5) e moringas são artesanais e feitos de barro com cura em forno Noborigama, situado no Ateliê do Antigo Matadouro, do genial ceramista e arquiteto português Alberto Cidraes (Foto 6), um dos criadores do grupo.

*Relato paralelo I: A exposição de cerâmica em Parati será um encontro sonoro, fora do contexto de celebração lunar, ou de agradecimento, será um evento onde tocaremos percussão, viola e canto. Cidraes me diz que prefere que os cânticos não tivessem textos, que esses textos estivessem subliminarmente ligados aos cantos, e que fossem sempre emitidos de forma gutural, primária-primitiva, pois são elementos que favorecem transcendência, compõem a espiritualidade; o som gutural estaria mais próximo do som do barro e do fogo, do ar e da terra.*

A seguir trecho de entrevista com Cidraes: “Quanto ao assunto primordial é tudo uma questão de sensibilidade pessoal. Eu gostaria de ser como os animais cuja expressão é anterior ao pensamento racional. Vejo o som como uma meditação, com a referência primeira no bater do coração da mãe, experiência de ventre, totalmente pré-racional e pré-cultural. Para mim a via mística passa por aí. A espontaneidade que muitas vezes conseguimos quando tocamos juntos, vai muito por esse caminho e no final a sensação é de libertação e de realização pessoal. A palavra é também maravilhosa, mas a pré-palavra é ainda mais. Assim, se conseguirmos que a voz e o instrumento naveguem, apoiados e entrelaçados no ritmo de forma harmônica mas abstrata, talvez o patamar espiritual que atingimos seja mais elevado do que com hinos ou canções com encadeamento racional. Mas isso é apenas o que sinto, não pretendo ser normativo. Por exemplo, acho que é uma vantagem eu poder escutar



a nona sinfonia sem entender o significado das palavras dos cantores. O abstrato penetra na mente mais profundamente.” (A. Cidraes)

Os percussionistas do grupo são também repentistas, e/ou tocam vasos de cerâmica, didjeridu, flautas, pandeiro e triangulo. Há violão, viola caipira de 10 cordas e, às vezes, contrabaixo. Há recitadores de poesia que pode ou não ter um acompanhamento harmônico, há vocalizes e dança em celebração e gratidão à vida, dádiva de estarmos juntos ao convívio e à natureza mais distante que tudo nos dá.

Os músicos que formam o Cordel têm em comum o amor à natureza e à união, à solidariedade e ao trabalho artesanal. Pode-se notar um padrão na ação e no fazer música: 1) com música escrita – um compositor escreve temas para o quinteto com flauta, geralmente essas composições estarão intercaladas com solos de percussão que podem por sua vez estar pontuados com a viola de dez cordas, a viola caipira; 2) com bases criadas quando há dois violões haverá uma base de ritmo e harmonia criada para cada música; 3) percussão e voz; 4) cítara, tambura, viola, e percussão, mais órgão de mão e voz; 5) viola, violão, flauta e percussão. Além disso, pode acontecer qualquer outra combinação.

*Relato paralelo II: A reunião de sons no Sítio do Mato Limpo levou o espírito de todos para a sonoridade indiana. Tínhamos uma cítara, uma tambura e um pandeirinho; esse som se misturará ao som da viola de 10 cordas – “caipira” que ressoa simpaticamente suas cordas, dois instrumentos terão seus espíritos misturados formando um som mágico, é impossível não imaginar o Indiano e o Caipira. O “órgão de mão” é muito usado pelos Hare Krishna e foi absorvido pelos músicos do Santo Daime que também fazem parte dos encontros do Cordel. Os cânticos terão rimas primárias: “celebrar” e “vai chegar”, “cantar” e “vai brilhar” etc.*



Foto 7. Deva Mali.



Foto 8. Objeto de Som I.



Os componentes do grupo são “outsiders” ou desviantes e alguns vivem uma vida tais como os ascetas, outros são apicultores e praticam meditação Zen, outros são ceramistas; há ainda arquitetos, artistas plásticos alternativos, criadores de luminárias que fazem pão integral para o consumo próprio ou para vender, alguns produzem mel e pólen... O principal objetivo da música é o encontro, a arte do encontro entre as pessoas e a celebração para transcendência espiritual e agradecimento. O grupo já se apresentou no SESC Pompéia em São Paulo (Foto 10); parte do grupo – o Quarteto de Cordas Prestíssimo – se apresentou acompanhando a cantora Barbara Ohana no Teatro da Faculdade Candido Mendes em Ipanema, Rio de Janeiro, e no Festival de Inverno da cidade de Cunha com Benina Monteiro e em várias edições do mesmo Festival. Outros membros do grupo tocam em eventos religiosos católicos em Aparecida e dão aulas naquela cidade.



Foto 9. João de Castro (falecido em 2013) exímio violonista e Carmo Camargo, violeiro e luthier.



Foto 10. Apresentação SESC – Pompéia, São Paulo.

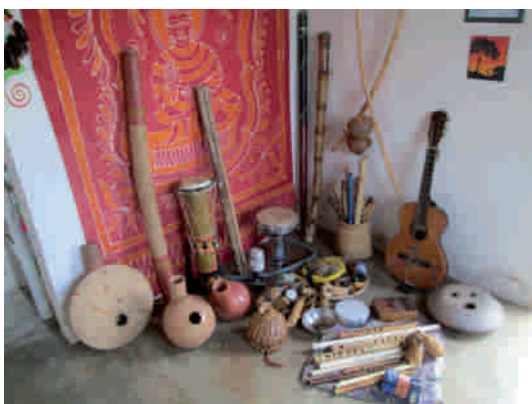


Foto 11a. Local de ensaio.



Foto 11b. Nirav Nardaq.



*Relato paralelo III: Nirav vai buscar um cristal para segurar durante a entrevista. Me diz que há um "cristal-mãe" enterrado no Amapá; o cristal de lá é imenso. O que Nirav segura é pequeno. Eu também tenho um pequeno cristal retirado do Cristal-mãe que está no Amapá. Nirav me disse que o amuleto deve ser "carregado" na Lua Cheia, antes, porém deve passar por uma purificação em sal grosso. Então se pensa desejos e pensamentos de generosidade e solidariedade; esse cristalzinho se conectará com o cristal-mãe, conectando os desejos.*



Foto 12. Nirav Nardaq.

Fora o fato dos encontros acontecerem na Lua Cheia há muitos outros encontros em datas aleatórias e comemorativas, aniversário da cidade e recepção aos amigos que vem de longe.

#### **DIÁRIO – 15 FEVEREIRO 2014**

Encontro-me com Thais Mori, ela é paulista, me diz que estudou quatro anos de canto popular com Eliete Negreiros e depois mais quatro anos com Madalena Bernardes que a iniciou na improvisação, participava na época de uma peça como bailarina no Grupo Marzipã onde conheceu Tica Lemos, professora de dança Contato Improvisação. Tica e Madalena Bernardes tinham acabado de chegar de NY com estas técnicas diferentes e a escolheram para trabalharem juntas com dança e canto ao mesmo tempo. Depois conheceu um grupo de músicos na Vila Madalena que se encontravam semanalmente para improvisação.

#### **DIÁRIO – 2 MARÇO 2014**

Encontrei Thais Mori novamente na cidade, ela me disse terem se encontrado ela, Deva e Nirav, na quarta feira de Lua Cheia. Os encontros se dão geralmente a partir de um movimento conhecido e ao mesmo tempo espontâneo. Thais possui uma voz encantadora, realiza *crescendo*, *diminuendos* e *portamentos* longos, espontânea e intuitiva dialoga com a harmonia dada ou em contracantos surpreendentes. *"Música é o contato com o mais puro de minha alma, o mais belo de mim e assim entrelaçado com o mais belo de cada um do grupo, formamos uma imensa energia pura e divina, e assim dedicamos. A lua cheia para mim como Budista, é uma fase muito especial onde sempre fazemos oferendas aos Budas, onde estamos mais abertos ao contato espiritual"*.

*"Com o Cordel vou às estrelas e dedico cada nota, cada som, cada momento a todos os seres para que fiquem felizes como nós ficamos ao tocarmos juntos. Eu acho que nós até voamos enquanto tocamos e cantamos. É divino, meditação das mais profundas"*



## DIÁRIO – 22 FEVEREIRO 2014

Alberto Cidraes está em Portugal e levou seus “objetos de som” para serem mostrados em uma apresentação em Lisboa. Na Chácara Zen fizemos o pão para o dia; enquanto isso, cantamos e preparamos o texto para uma estória que será entoada por Deva, com uma estrofe cantada por todos. Uma parte dos instrumentos está em uma sala, são as flautas artesanais, os pandeirinhos, o sino Zen, um didjeridu, e alguns vasos de cerâmica.



Foto 13. Vasos sonoros de cerâmica I.



Foto 14. Vasos sonoros de cerâmica II.

O “Cunha in Concert” foi um evento no qual tocamos a trilha escrita para um vídeo de Árpád Cserép com o objetivo de chamar a atenção para pássaros mantidos em cativeiro. O Cordel se apresentou no cinema da cidade tocando ao vivo a trilha escrita para Quarteto de Cordas, flautas e percussão. Nos encontros para se fazer música o Quarteto de Cordas se divide em improvisos e música escrita, acompanhada pelos objetos de som disponíveis mais a viola caipira e violão.



Foto 15. Quarteto Prestíssimo.

## DIÁRIO – 24 MARÇO 2014

*Passei pela casa de Alberto Cidraes. A entrada é por uma das ruas do Alto Cajuú e a outra por baixo pelo bairro do Motor. Sua casa é construída por madeira nobre arrematada ao longo do tempo em antigas fazendas. Há diversos ambientes e a casa é cercada de Pinheiros e alguns Pitos Gigantes. Por todo o lado vemos séries de objetos de cerâmica que são “cabeças de guerreiros” inspiradas em máscaras medievais. Num espaço do Ateliê do Antigo Matadouro, vemos a série de “objetos de som”, instrumentos de percussão, sopro e cordas são criados em barro e curados*





*em forno Noborigama de alta temperatura. Há desde uma espécie de xilofone até as próprias máscaras que são literalmente colocadas na cabeça, a voz não só é percebida pelos que estão “fora” quanto criará uma sensação indescritível para quem a esteja “vestindo”, o som interno circula dentro da máscara de cerâmica com um timbre de terra ressoando com uma vibração arrebatadora.*



Foto 16. Instalação SESC- Pompéia.

Foto 17. Casa Alberto Cidraes.

Foto 18. Máscaras de Som.

*No encontro com Alberto falamos sobre a possibilidade de criarmos um objeto de som a partir de Bambús amarelos gigantes, onde os mesmos receberão aberturas estratégicas de tal modo que o vento que passar por eles – ainda que fraco – tenha a capacidade de emitir os sons-do-vento-por-dentro-dos-bambú criando harmonias e melodias espontâneas e naturais. Para isso precisaremos retirar um dos bambús e testarmos a capacidade dos mesmos em capturar o vento e transformá-lo em som. Aberturas laterais proporcionarão a possibilidade de algum dos músicos expandirem melodias como numa enorme flauta.*



Foto 19. Objeto de Som I.



Foto 20. Flautas.



Viver em lugares ermos apresenta uma dinâmica e um tempo muito diferente do que se está acostumado, não só nas grandes cidades, mas em qualquer cidade com mais de 50 mil habitantes. Cunha tem 15 habitantes por km quadrado, a maioria não possui carro e dependem de condução pontual para os bairros (Roça, Sertão). O tempo se torna uma entidade ampla, em espaços amplos. A entidade Divina está na mata (terra), nos riachos e cachoeiras (água), no vento que passa cantando nos Plátanos, Araucárias e Pinheiros e Eucaliptos (ar), na fogueira (fogo), se solidifica na cerâmica (terra, ar, água e fogo) e canta através dela, se realiza e surge na Lua Cheia e é celebrada e agradecida na música e na poesia. Assim, surge a necessidade da religião com o profundo, com o divino e com misterioso. Haverá a necessidade de integrar o humano com a natureza e de fazer com que esta vida seja partilhada com os moradores da cidade.



Foto 21. Objeto de Som II.



Foto 22. Objeto de Som III.



Foto 23. Ateliê Alberto Cidraes.

*Efeito desejado: a transformação do ser humano, uma revolução no pensamento religioso e social a partir das áreas rurais distantes. A música enquanto centro que agrega e que promove os encontros que nos fazem ver a importância de estarmos reunidos. A transformação da sociedade do lugar através da mudança da percepção das diferenças.*

#### **DIÁRIO – 18 ABRIL 2014**

Cheguei ao Espaço Flor das Águas por volta das 17h30min. Marcos me recebe carinhosamente, sua mulher Fabiana passa por nós atarefada com os preparativos para a meditação que acontecerá às 19h00min. A varanda da casa é muito agradável e é possível sentir a fragrância de diversas flores. Falamos um pouco sobre o olhar sereno diante de dificuldades da vida, de momentos de decisão e de como estar atento aos sinais que nos levarão a novos lugares, falamos do encantamento que a viola caipira de dez cordas nos causa. Marcos me explica calmamente a síntese da vida sob cinco elementos básicos: ar puro, água pura, alimento, abrigo e amigos. Na hora certa des-cemos para o espaço – sala de meditação onde um rapaz ao violão entoava um cântico envolvente, a harmonia e a melodia simples. “nós somos a luz, nós somos amor...”.



Chegamos aos poucos e em silêncio. O espaço é muito bonito com algumas luminárias feitas de um cilindro verde com aberturas que transparentes formam motivos florais, a parede é azul escuro, todo o ambiente está envolto em uma luz amena e aconchegante, estamos dispostos em um quadrado com almofadas no chão, e em cada lado do quadrado há lugar para três participantes, os que já estão sentados colocam seus instrumentos à sua frente. Os instrumentos serão tocados na segunda parte do encontro que é basicamente dividido em partes: 1) recepção (todos são recebidos pelo cântico do músico, se juntam à ele e num decrescendo atingimos o silêncio. 2) todos entoam o som fundamental “aum” durante alguns minutos, a sala reverbera, somos mais ou menos 25 pessoas). 3) Fabiana lê um texto. 4) Marcos nos conduz para a meditação mais profunda, nos orienta com sua voz serena e calma. 5) Cântico. Melodia tonal desacompanhada, de fundo místico religioso. 6) Marcos fala mais uma vez sobre sentimentos de paz e amor. 7) Inicia-se uma música tonal com Marcos tocando viola, Fabiana toca tambura e Mani um órgão de mão, todos os que estão com instrumentos passam a tocar e dialogar com musica improvisada sobre um som modal. 8) Após silêncio, Marcos pega uma flauta de madeira e toca uma longa melodia de fundo oriental, intercalando esta musica com texto. 9) Todos tocamos e cantamos louvores de temas místico religiosos. Estou sentado de frente para Mani que tem no chão à sua frente o órgão de mão, ao centro – neste lado do quadrado e ao centro – está Marcos com uma viola de dez cordas tendo ao seu lado Fabiana com a tambura estou com uma viola de dez cordas de grande ressonância feita pelo luthier cunhense Carmo Camargo.



Foto 24. Mani, Marcos e Fabiana.

Ao meu lado está um rapaz tocando bandolim e na ponta um violão, à minha direita está uma moça, um rapaz, uma moça da Colômbia, e uma mulher paulista que veio morar em Cunha. Todos estão sentados em posição de lótus e ao lado da moça Colombiana está um rapaz com um violão e uma moça com um vaso de cerâmica.



Foto 25. Objeto de Som IV.



Foto 26. Vasos sonoros de cerâmica III.



Foto 27. Vaso sonoro de cerâmica IV.

Comportamento: Há um movimento centrípeto em direção a lugares preparados para a reunião, há uma sensação de que somos – cada um – pontos distantes cercados de silêncios amplos, a distância que existe entre cada um que deseja tocar e cantar é uma distância muito extensa: teremos às vezes dez, quinze, vinte quilômetros de distância um dos outros cercados pelo silêncio (ao contrário do que ocorre logicamente nas mesmas distâncias dentro de uma cidade como Rio de Janeiro ou São Paulo; em Cunha a distância é envolta nesse silêncio de pessoas). Outras referências sonoras surgirão, mas ainda assim envoltas em espaços silenciosos.

*Reflexão: Assim, o movimento centrípeto estaria ligado também à necessidade dos sons se aproximarem como entidade tendo pessoas apenas como veículo.*



Foto 28. Objeto de Som V.



Foto 29. Local de ensaio.

Os ensaios, em geral, recebem amigos e convidados, neste caso havia dois viajantes franceses que fizeram o vídeo do encontro-ensaio.



Foto 30. Objeto de Som VI.



Foto 31. Vasos sonoros de cerâmica V.



Foto 32. Vasos sonoros de cerâmica VI.

Os elementos que unem o resultado sonoro é um ritmo básico e também dependem da formação do momento. Há uma preparação básica geralmente monótona, onde uma moldura rítmica receberá sons pontilhados que se desenvolverão e se transformarão. Os instrumentos podem ser trocados para intenções diversas: 1) preencher espaços (um didjeridu atravessa os sons quebrados); 2) sublinhar por imitação, transposição ou em uníssono. A música em si, o som, o corpo do som, o espírito do som. Onde nos levará/remeterá cada som? Para onde esses sons nos transportarão?



Foto 33. Nirav Nardaq, Leo Simões e Deva Mali.



Foto 34. Vitor Simões.

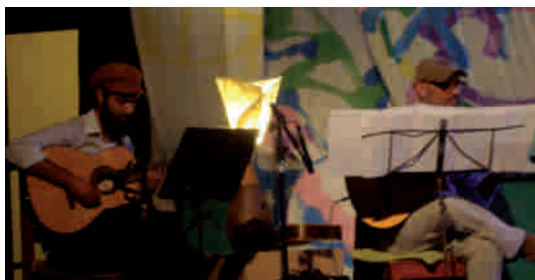


Foto 35. João de Castro e Ricardo Simões.



Foto 36. Luminárias de Fabia Consolaro e Pintura sobre panos esvoaçantes de Jayme Ysqueluritán.



*Um dia, a uns anos atrás surgiu na cidade um rapaz com sua mulher e um casal de amigos. Seu nome era João de Castro. Às vezes surgia como um ser distante caminhando pela estrada, violão nas costas, olhar firme. Nos conhecemos e logo sua presença se fez indispensável nos encontros de som. João foi trabalhar numa escola da cidade, implantando um trabalho musical com os jovens e adolescentes dali. Uma vez, a rua se encheu de crianças (Foto 37) com seus uniformes azul e branco e seus instrumentos de percussão, a breve passagem de João de Castro pelo nosso mundo deixou um enorme sentimento de saudade em todos.*



Foto 37. João de Castro (à frente, de costas).



Foto 38. Sarau – Cordel da Estrada da Lua com Benina Monteiro.

“Esses sons em determinado momento poderão ser a música que enfeitará os jardins, poderemos ornamentar a vegetação existente, um quarteto de cordas adornará uma Araucária, um grupo de percussão adornaria as oliveiras e parreiras, o plátano seria enfeitado pelo som de uma viola de dez cordas, e ao mesmo tempo toda a paisagem se integrará ao som espontâneo e improvisado.”



## BIBLIOGRAFIA

- Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. [1973]. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- Rouget, Gilbert. *La musique et la transe. Esquisse d'une théorie générale des relations de la musique et de la possession*. (Collection Bibliothèque des Sciences Humaines). Paris: Gallimard, 1980.
- Schechner, Richard. "Performers e Espectadores: Transportados e Transformados". *Revista Moringa Artes do Espetáculo*, v. 2, n. 1, 2011.
- Turner, Victor. *O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura*. São Paulo: Vozes, 1974.

RICARDO SIMÕES é compositor, arranjador e concertista. Bacharel em Violão pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015). Estudou regência com Eleazar de Carvalho (1995), solfejo e percepção com Paul Shmelling (1975-1977), violão e guitarra, arranjo, composição e instrumento na Berklee College of Music em Boston com Mick Goodrick, Gary Burton, Brett Wilmot, Michael Gibbs, Jon Damien (1975-1979), violino na UFRJ com Oscar Borgueth (1974-1975), teoria musical e solfejo com Bohumil Med (1971), violão com Paulo Meira (1966) e Leo Soares na Pró-Arte Música (1971). Atuou como violinista no Michael Gibbs Ensemble (1976), segundo violinista da Orquestra Sinfônica da Berklee College of Music (1975-1979), segundo violinista da OCN – Orquestra de Câmara de Niterói, sob a regência de Roberto Duarte (1974-1975). Fez parte do Conselho Administrativo do Conservatório Dramático e Musical de Tatuí participando ativamente de sua reformulação. Professor de violão, arranjo e informática (Sibelius) da Escola Superior de Música da Faculdade Cantareira desde a fundação (2004-2010). Diretor Artístico dos Centros Educacionais Unificados - CEU's - Prefeitura de São Paulo (2003-2004), atuando ainda como arranjador e regente das Big-Bands e Fanfarras das 21 unidades. Direção artística da programação de música do Teatro da Faculdade Candido Mendes, Rio de Janeiro (2011-2013). Coordenador do Departamento de Música Contemporânea da Faculdade Marcelo Tupinambá (1997-1999). Idealizador e Professor de Improvisação Jazzística e Composição Escrita no SESC (1993) e na Universidade Livre de Música, São Paulo (1992).